

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Aline Buzzo da Costa

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Santa Cruz do Rio Pardo/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora/Instituição: Janice Zilio Martins Pedroso da Etec Orlando Quagliato em Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Janice Zilio Martins Pedroso

Elaboração do roteiro da pesquisa: Janice Zilio Martins Pedroso

Local da entrevista: Santa Cruz do Rio Pardo/SP (entrevistadora) e Alta Floresta/MT (entrevistada) via Microsoft Teams

Data: 2 de agosto de 2022

Técnico de gravação: -

Duração: 46 minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Número de páginas: 19

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, no dia 2 de agosto de 2022, com a egressa dos cursos de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e Técnico em Agrimensura Aline Buzo da Costa, que estudou na Etec Orlando Quagliato entre 1998 e 2000. Aline atua como empreendedora no Estado do Mato Grosso, destacando-se como mulher nas áreas da Engenharia de Pesca e Segurança do Trabalho.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 3 a 18 de agosto de 2022.

Nome da transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

JANICE ZILIO MARTINS PEDROSO (JZMP): Ok, então. Bom dia, Aline. Tudo bem com você?

ALINE BUZZO DA COSTA (ABC): Tudo jóia.

JZMP: Então nós estamos aqui para conversar um pouquinho. Eu sou professora Janice Zilio Martins Pedroso, da Etec Orlando Quagliato, de Santa Cruz do Rio Pardo. Hoje nós estamos conversando com Aline Buzzo da Costa. Aline, que foi aluna nossa lá na Etec sede rural. Hoje é dia 2 de agosto de 2022 e nós estamos batendo esse papo, essa entrevista de história oral de vida, que faz parte do programa história oral da educação do Centro Paula Souza, que tem um site de memórias e que ... registra, tem esses registros de todos. As evidências, os alunos, as pessoas que passaram pela instituição, né? Então a gente vai fazer um bate-papo hoje bem descontraído Aline, para você contar um pouquinho, é dessa nossa... dessa sua experiência enquanto aluna na Etec Orlando Quagliato. Então, para a gente começar, eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre a sua origem familiar, sobre a sua vivência como família, como que você chegou até a escola?

ABC: É, eu cheguei até a escola através de outra escola agrícola que eu estudava. Eu sou, moro hoje; naquela época também morava, em Alta Floresta, no norte do Mato Grosso. E aqui eu já fiz o segundo grau. Segundo grau não; seria a sétima e oitava série numa escola agrícola que tinha no meu município. E o segundo grau, eles fecharam a escola. Como meu pai, tinha propriedade rural, eu gostaria de continuar na área da Agricultura ou da Veterinária, e acabou que eu fiquei conhecendo essa escola pela televisão e me informei como faria para entrar na escola. E tinha que prestar um vestibular naquela época. E eu lembro que eu fiquei muito ... com muita raiva, porque naquele ano foi muito disputado. Eu falei, nossa, só porque é minha vez, né? (risos) E era quarenta vagas, eu lembro. Foi muito sofrido, mas aí deu certo. Daí eu passei no vestibular. E aí entrei, pra estudar nessa escola, mas porque eu já tinha uma base de uma outra escola agrícola. Então, a fato de eu morar aqui, gostar dessa área foi que me encadeou a continuar na escola agrícola e fazer o segundo grau técnico.

JZMP: A sua família não era da área Agrícola?

ABC: Não! Meu pai tem uma propriedade rural, mexia com bovino, né? Animal de corte, mas não plantava. Então a minha intenção ... é porque eu vivia sempre no sítio com eles,

aqui na nossa região também é totalmente agricultável. Só tem agricultura e pecuária e acabou que eu e desvinculei fui pra essa área aí. E foram três, quatro anos aí de ... de muito aprendizado, né? E quando eu cheguei na escola e teve o primeiro empecilho, porque eu não sabia e, também não fui comunicada, que a escola não aceitava que meninas ficassem alojadas no final de semana.

JZMP: Hum!!

ABC: Aí eu levei um choque muito grande, porque eu já tinha estudado uma semana e quando chegou na sexta-feira que a gente foi almoçar a dona Madalena pegava o nome de quem que ia ficar de final de semana na escola. Daí eu dei meu nome. Ela falou: - não, meninas, não ficam. Aí eu falei, meu Deus! Mas eu não moro aqui! Eu falei para ela, eu moro há mais de 3000 quilômetros! Não tem como eu não tenho como ir embora e voltar! E foi aquela discussão assim e tal, aí acabou que, depois de muita conversa, me deram uma... um voto de confiança, né? Vamos falar assim, para mim, ficar final de semana. E acabou que eu fui ficando, ficando e fiquei os quatro, cinco anos na escola. Final de semana aí só ficava eu de menina na escola.

JZMP: Então você foi a menina que inaugurou... Hoje nós temos internato para as meninas, mas você foi a que inaugurou.

ABC: Eu fui a que inaugurei, mas assim, eu nunca dei nenhum problema, eles sabem, eu sempre fui uma pessoa, muito bem, comportada. (risos)

JZMP: Muito bem.

ABC: O meu objetivo aí era estudar, então eu não tinha outro objeto.

JZMP: Está certo...

ABC: Mas foi muito bom.

JZMP: Muito bom! Então é... você poderia nos contar de como que o ensino técnico... ele contribuiu para a sua formação, para que você adquirisse essas competências profissionais, as habilidades gerenciais no seu trabalho?

ABC: Sim. É, durante o período que eu fiquei na escola, eu fazia agropecuária diurno e noturno, eu lembro que eu iniciei o técnico em açúcar e álcool. Acho que eu fiz alguns meses. E eu pensei: na minha região não tem empresa de açúcar, de cana-de-açúcar. Não é algo que vai contribuir para alguma coisa. Aí eu acabei mudando para o técnico em

agrimensura, que abriu também a primeira turma. Então fiz parte da primeira turma do Técnico em Agrimensura do professor Reginaldo, dos outros profissionais. E acabou que eu, durante esse período que eu fiquei na escola, eu fazia esses 2 cursos. E aí eu lembro que também a gente teve um curso do Sebrae de Empreendedorismo. Foram alguns meses aquele curso. Me lembro muito bem disso, mas o que aconteceu? Nesse período, que eu fiquei na escola, eu acabei ficando responsável por alguns setores, e isso você acaba que compreendendo mais alguma coisa sobre ser proprietário, ser responsável, ter dinâmicas de tocar um comércio, uma empresa. E acabou que, como a gente ficava sozinho final de semana; ficava eu e mais uns três, quatro meninos do Pará. E aí nós que tínhamos que cuidar da escola final de semana, não tinha funcionários. Então eu lembro que eu combinava com eles. Eu falei, olha, eu cuido dos coelhos, das galinhas, dos porcos, da horta e do peixe, e vocês tiram leite e dá cana lá para os animais, porque aquilo para mim era mais pesado. E eu fazia muito mais do que eles, mas eu preferia. E aí a gente fazia isso sábado, domingo, feriado, e a gente ficava lá. E acabou que isso me despreendeu um pouco mais para área da piscicultura. E aí eu fiquei mais engajada nisso e acabou abrindo laboratório de reprodução de peixe, que na época também a gente não tinha. E aí começamos a vender larva, começamos a vender alevinos, começamos dar assistência nas pisciculturas da região e aí foi entrando esse empreendedorismo dentro da pessoa, vamos falar assim, né? Que acabou engajando lá na frente o motivo de eu ter feito engenharia de pesca no Paraná.

JZMP: Ah, que bacana!

ABC: Mas, a minha escolha profissional hoje foi pelo que eu executava na escola agrícola, quando eu estudei aí. Então, o que eu aprendi aí é, eu trabalho com isso até hoje. E é muito interessante porque quando eu fiz a Faculdade de Engenharia de Pesca, eu tive a teoria lá. A prática eu já tinha da escola. E era interessante que você conseguia entender por que que lá, na prática fazia daquele jeito, mas eu não sabia o porquê que eu fazia, só fazia. Então, a escola, ela realmente assim foi um... um orientador profissional no que eu sou hoje.

JZMP: Então você fez a Etec, você cursou o Técnico Integrado de Agropecuária de 98 a 2000.

ABC: Isso! E o Agrimensura a noite.

JZMP: Sim, o Agrimensura à noite, certo. E aí depois?

ABC: Eu até prestei vestibular para Engenharia de Agrimensura em Lavras, Viçosa, né? Mas eram mais... Acabou que não era pra ser... E aí eu me formei em 2000. Depois que eu me formei, eu fiquei mais um ano e meio trabalhando na escola, sendo responsável pela área de Piscicultura junto com os professores, né? Mas aí eu era como se fosse uma funcionária, eu recebia um valor na época. E aí, quando eu prestei vestibular em Toledo, no Paraná, na Universidade Estadual do Paraná, eu acabei que eu passei; mas eu era uma pessoa muito assim, sozinha. A escola meio que me abraçou muito, sabe? Virou uma família para mim, né? É, eu sei que eu devo muito a vários profissionais que estão aí. Até um relaxo meu nome não visitar, alguma coisa assim, mas eu não esqueço deles. Não, nunca, jamais, é. E acabou que o Reginaldo, que era o Piu Piu na época, não sei se você conhece ele ainda, é, me levou pra escola agrícola com o carro dele. Foi eu, minhas roupas e um colchão naquele carro que ele tinha. E ele me levou lá em Toledo, me deixou lá, eu fiquei lá desesperada, chorando, mas eu tinha que ficar. E aí eu fiz Engenharia de Pesca; 5 anos de Engenharia de Pesca, mas porque eu trabalhava com piscicultura na escola agrícola. E depois, já no final da engenharia de pesca, no meu quarto ano da engenharia de pesca, que eu entrei na engenharia de segurança do trabalho. Então, no meu quarto, quinto ano, eu fiz duas engenharias junto e hoje eu trabalho nas duas áreas aqui em Alta Floresta no Mato Grosso.

JZMP: Muito bem, você falou de dois profissionais, um é o Reginaldo Piu e o outro profissional, você se recorda?

ABC: Não era nossa, tanta gente. Eu lembro desde as cozinheiras (risos). É que tem dois Reginaldo, né? Tem um Reginaldo professor que dá parte de topografia e tem o Reginaldo Piu Piu. Eu tinha bastante ligação com os dois. Ligação com a dona Leni, a Silvana, acho que era o nome dela, né? Dava Português. Era as que eu mais tinha contato. Aí t a dona Tereza, que era caseira, que morava aí na escola, ela era uma mãe para mim também. Ficava comigo no final de semana, porque só tinha eu e ela de mulher na escola. Então a gente se dava super bem, eu ajudava ela. Ela me ajudava, ajudava na cozinha porque tinha que cozinhar. Ajudar no sábado, e domingo, preparar o café, ajudar a cozinheira. Mas aí tinha o Mário, tinha nossa; os funcionários da horta nossa... é muita gente. Se eu... se eu falar o nome aqui, vão falar. Ela esqueceu de mim, né? Mas eu lembro de todo mundo.

JZMP: É realmente, né? Eu falo que quando o aluno vem para estudar na escola fica sendo membro de uma família gigante, né?

ABC: É muita gente. Eu não esqueço de ninguém, não! Nem dos funcionários que iam embora final de semana para casa, né? Nossa, não vou falar nome de ninguém, porque

vou esquecer. Por que na verdade o que acontece? Esses dias que entrou em contato comigo, eu falei, gente, já faz 22 anos que eu saí da escola... É uma vida, não é verdade? Então eu lembro muitas vezes das pessoas, mas, alguns nomes eu não lembro, mas as pessoas, as imagens estão na minha mente.

JZMP: É realmente é muito bom lembrar tudo isso, né?

ABC: Nossa, olha, é quem está aí na escola que se lembra de mim, que estudou, que trabalhada aí quando eu era aluna é, sabe que era uma coisa muito diferente do que é hoje. Da última vez que eu fui, aí eu achei até assim, nossa, que fácil estudar aqui agora, né? Os alunos até recebem para estudar, né? Tá tudo tão fácil ... nossa, mas na minha época não era assim, né? Eu vi o povo ali. Nossa gente mais aqui precisava cortar grama, precisava fazer isso... Cadê o aluno que não faz mais isso? Então eu acho que se fosse hoje a gente era, era trabalho escravo o que a gente fazia, mas a gente não fazer de mau gosto, a gente fazia porque gostava, né? Pegava fogo no canavial, estava lá no outro dia cortando toda aquela cana para não apodrecer, para jogar para os animais. Colhia vinte, trinta pés de café, três, quatro ruas de café de cana para cada um. Então assim era. Não era assim tão simples, sabe, mas passou.

JZMP: Passou e serviu como aprendizado, né? Isso que é o mais importante.

ABC: Então, hoje assim, meu marido fala assim: meu Deus, para! Dá pra fazer pra amanhã! Mas se eu posso fazer hoje, por que eu vou fazer amanhã? Então, assim é um pouco acelerado, porque eu vejo que as pessoas têm preguiça às vezes de fazer as coisas. Aí eu falo: vamos fazer logo, já estamos aqui, vamos fazer!

JZMP: Está certo. É, você acredita ou você considera que deveria ter sido oferecido alguma coisa para você na educação profissional que faltou para sua formação e na sua vivência enquanto empreendedora hoje?

ABC: Nossa...

JZMP: Alguma coisa assim que você considera que lá na escola não teve, que fez falta para você?

ABC: Olha. Eu acho: - que faltou assim, o que faltou um pouco hoje, porque o que acontece, naquela época, vamos falar assim, o básico da educação, é o Português, Inglês, Química, Física, naquela época que eu estudei, ela me atrapalhou muito na faculdade. Eu tive muita dificuldade por esse motivo. Mas essa parte do empreendedorismo, não sei

como que é hoje, mas na minha época a gente tinha uma cooperativa. Era professor Eder que cuidava, fiquei sabendo que ele não está mais aqui nós. Então a gente levava o que a gente fabricava, linguiça, queijo, requeijão, doce nessa feira. Então, daí que vem o curso de empreendedorismo, que eu falei para você que eu fiz pelo Sebrae. É, então eu penso que a escola para mim, lógico, eu consegui agarrar todas as ferramentas que a escola me deu. Eu soube aproveitar disso. Então, hoje eu sou uma pessoa assim, que eu tenho uma empresa que eu atendo mais de 500 clientes, mas eu trabalho sozinha. Então, assim eu tenho capacidade para gerenciar isso, porque eu tenho essa base lá da escola. A gente trabalhava com muita coisa. Então, assim, a escola não me deve nada. Quem deve sou eu pra escola. (risos)

JZMP: A sua empresa hoje, você presta serviço na área, isso?

ABC: Eu presto serviço na área das minhas duas formações. Então, a Piscicultura aqui na minha região, ela é um pouco... não é tão forte como a Pecuária e a Agricultura, que está mais tá chegando muito rápido aqui também. Mas eu tenho alguns clientes. Também tem pessoas que sabem que eu sou Engenheira de Pesca, porque do norte, é ... meio norte para cá, eu sou a única engenheira de pesca do estado. Então, acaba que as pessoas acabam sabendo que eu sou engenheiro de pesca, muitas vezes liga, pergunta, pede uma informação, uma ajuda de alguma coisa, né? E aí eu também tenho os clientes que eu atendo na área de Segurança do Trabalho, que também são fazendeiros e que tem a piscicultura. Daí engloba de uma forma geral, dentro do trabalho que eu presto para essas empresas. Mas são essas duas coisas que eu faço de olhos fechado. Eu gosto muito, muito. Piscicultura assim é É lógico que hoje, imagina quando eu estudei na escola eu tinha o que? 16 anos? Hoje eu tenho 40. (risos). Hoje eu sofro por algumas coisas que eu fazia na escola. Então hoje eu tenho muita dor na perna, muita dor nos ossos, porque a gente ficava muito tempo dentro da água, era quente, o corpo quente entrava na água, aquele frio na Piscicultura e você dentro da água. Hoje eu tenho essas consequências dessa época, mas se eu pudesse voltar e começar de novo, eu voltava e começaria de novo. Sem problema algum.

JZMP: Muito bom! Bom, eu creio que você não teve dificuldade nenhuma para definir o ramo do seu negócio, né? Afinal, a própria escola, a sua vivência lá na Piscicultura, que possibilitou todo esse aprendizado, todo esse momento que você optou pela piscicultura, né? Como sua primeira profissão aí.

ABC: Foi então assim. É lógico que eu passei por outros ciclos dentro da escola, outros setores. Eu gostava de todos, todos eu me dava super bem, né? Mais quando eu fui para

Piscicultura foi o que acabou acho que me despertando mais, eu conseguia ver algo a mais naquilo naquele ramo, né? Inclusive, eu não sabia da Faculdade de Engenharia de Pesca. Eu não conhecia essa faculdade. Porque quando eu terminei a escola, no ano de 2000, em 2001 que foi meu primeiro ano de trabalho na escola, eu fui fazer cursinho lá em Santa Cruz. Então eu terminava às 5 horas, 5 e meia, tomava um banho correndo, andava aqueles 2 km a pé sozinha até o posto Paloma pegava, a circular da ... acho que era da prefeitura que levava a gente de forma gratuita para Santa Cruz, e aí eu estudava naquela escola, chamava ... era uma escola que era do Anglo, não me lembro o nome da escola. E lá eu ficava até 11 horas. Aí eu descia no Paloma de novo e andava os 2 quilômetros de noite e sozinha. Vê se tem cabimento um negócio desse. Aí eu fiz isso por 1 ano. Então aí no cursinho que a diretora de cursinho abriu a sala e me deu um livro de orientações profissionais. Nem sei se existe esse livro. Onde fala de várias profissões que existe no mercado, né? E eu peguei aquele livro, fiz assim. Quando eu fiz assim, qual curso que abriu? Engenharia de Pesca. Eu lembro isso como se fosse hoje! E aí eu fui ler onde estudar... e onde estudar, o lugar mais próximo, e ainda era poucas faculdades que tem no Brasil e era Toledo, no Paraná. E aí eu fui para escola no outro dia fui comentar com o Piu Piu. Eu falei: Piu Piu, eu acho que eu vou fazer Engenharia de Pesca, olha aqui, tem tudo a ver com que o que a gente já faz na escola, e tal e foi saí que eu fui prestar vestibular para Engenharia de Pesca. Mas até prestar esse vestibular, com essa luta muito grande, não passei na primeira nem na segunda chamada. Eu fiquei muito brava porque eu falava pro Reginaldo Piu Piu, porque ele era muito católico, e ainda é, com certeza. Eu fiquei brava com nossa Senhora porque eu falava: Piu Piu olha o meu esforço, o que eu faço, olha meu desespero para entrar nessa faculdade. E eu não passei? Acabou que um dia eu estava na escola, lá na represa, no meio da represa, o Piu Piu foi lá correndo me chamar para ligar na faculdade, porque eles tinham me ligado. E aí eu subi lá. Eu lembro que eu não tinha nem voz, fôlego, né, porque era uma subida lá na represa e aí a dona Leni ligou para mim na faculdade, e aí a moça falou comigo aí, falou que tinha aberto uma vaga para mim, porque tinha falecido um rapaz. O pai dele foi desistir da vaga dele. Aí eu nunca mais duvidei de Nossa Senhora. E aí que eu entrei na engenharia de pesca. Mas assim, a escola agrícola foi para mim quem me orientou profissionalmente. Hoje eu sou o que eu sou pela Etec de Santa Cruz.

JZMP: E seus familiares, Aline, é... Você recebeu algum estímulo para você entrar nesse ramo do empreendedorismo?

ABC: Não! (risos) Então, depois que eu terminei, então vamos falar a história, certo. Depois que eu terminei a Engenharia de Pesca e a outra faculdade, eu fui trabalhar com o

Ministério da Pesca em Porto Alegre. Em Porto Alegre eu fiquei mais um ano e acabou que não deu certo o projeto do Ministério da Pesca, e a gente teve que desistir. E aí eu acabei voltando para Alta Floresta. Quando eu voltei, já fazia 15 anos que eu já tinha saído de Alta Floresta, e eu voltei para cá, e eu fui dar aula numa escola técnica, aqui, também. Aí eu fiquei nessa escola dando aula por 1 ano e meio e aí começou a aparecer clientes. Eu tinha 40 horas semanais nessa escola técnica e começou a aparecer clientes. Chegou uma hora que eu tive que escolher, né? Ou continuar dando aula ou começar a atender esses clientes. E aí eu resolvi abrir a minha empresa, em 2012, e começar a atender esses clientes que eu tenho hoje. Mas foi daí que a empresa apareceu assim dessa forma: um cliente convidando outro e acabou que... E aí você tem que abrir uma empresa, não tem como você trabalhar informal, né? E aí de lá para cá, eu estou nessa atividade aí nesse empreendedorismo com essa minha empresa.

JZMP: E esse momento que você trabalhou como docente, numa escola técnica você falou, né? Foi na área da Piscicultura?

ABC: Foi na área da Piscicultura e na área de Segurança do Trabalho, porque aqui tem bastante piscicultura, né? Então, assim, querendo ou não, não é... as pisciculturas que têm aqui não são iguais ou maiores ou grandes como a gente tem em São Paulo e outros estados. Então, como tem bastante gente que tem sítio, todo mundo tem uma água, eles querem fazer um buraco e por peixe. (risos) Aí acaba que eu dava aula 20 horas no curso e 20 horas na piscicultura e na área da segurança do trabalho. Mas é... Acabou que eu tive, que sair dessa área da docência por causa da empresa mesmo e começar a atender esses clientes.

JZMP: Legal. É quais características ou qualidades pessoais que você acredita que tem e que levaram você a se tornar uma empreendedora? (risos) Que que você acha assim... Olha, eu tenho essa característica que fez eu partir para cima, eu fui em frente?

ABC: Eu não sei esperar pelos outros, eu vou lá e faço. Eu detesto depender das pessoas. Até porque eu perdi a minha mãe muito cedo, com 8 anos de idade. E acabou que você tem que tomar rumo sozinha, não tem ninguém para te passar a mão, vamos dizer assim, né? E aí o fato de eu ter estudado na escola agrícola sozinha; você imagina eu fiquei aí 5 anos. Nenhuma família foi me visitar. Eu fiquei mais sete, oito anos no Paraná. Também não tive visita. Então isso você cria uma responsabilidade, é do que você faz, você tem que saber o que você está fazendo. Os atos não vão voltar, né? Os erros ou o que tiver de bom. Acaba que você... essa vivência de ser sozinha nesse mundo criou eu ser essa pessoa muito responsável que eu sou. É, eu não, não desfaço do eu tenho que fazer. Se

eu preciso fazer, eu vou lá e faço. A responsabilidade de você atuar com outras pessoas, porque ela está confiando no seu trabalho, na sua competência, de atuar naquilo que ela está te contratando. Então, hoje, o empreendedorismo assim é. É a base do que eu tenho hoje, né? Se eu não posso ficar aguardando para amanhã, já faço hoje que eu tenho que fazer e amanhã é outro dia. Então ser empreendedor é você, procurar novas conquistas, né? Não ficar só sentado esperando. Você tem que acontecer de uma forma que te atinge seus objetivos, mas que faça você alcançar outros também.

JZMP: Muito bem. Teve algum momento da sua carreira que você falou assim, eu vou desistir e vou parar com tudo?

ABC: Nossa, isso começou lá na faculdade. Porque, quando eu saí da escola eu tinha muita gente comigo, né? Eu tinha ... eu era sozinha de pai e mãe, mas, eu tinha muitas pessoas comigo; então eu não me sentia sozinha, abandonada, né?

JZMP: Aham.

ABC: E quando eu fui para Toledo, é um povo sulista. É muito diferente de nós paulistas, paranaenses, de uma ou de outra forma assim, né? Lá eu quis desistir. Porque eu estava indo muito mal na faculdade, eu não tinha condições financeiras e as pessoas eram muito difíceis. Então juntou tudo isso. Aí eu falei, eu não vou aguentar, não vai dar certo, não vou aguentar! E foi passando um mês, foi passando dois, e aí eu fui me acostumando com aquilo, né. Mas eu, várias vezes eu pensei em desistir, mas ao mesmo tempo eu falava gente, foi tão difícil de eu chegar aqui, eu só cheguei aqui por mim, né? Não cheguei aqui por outra pessoa! Fui eu que conquistei esse lugar que eu estou. E, e aí é muitas vezes eu falei, eu vou embora. Mas aí eu pensava, eu vou embora, eu vou fazer o que? Eu tinha um sonho de ser doutora. Meu sonho! (risos) Acabou que eu não consegui, não fiz doutorado. E depois vou na frente, eu percebi que eu não ia dar aula, então para que vou fazer doutorado, né? Mas meu sonho de quando eu estudava, era que eu... Eu queria atingir o máximo que eu conseguisse, assim, de nível superior, né? Mas depois eu aprendi, eu vi que eu não era uma pessoa que tinha vocação para dar aula. Eu tinha vocação para pôr a mão na massa! E aí, eu... terminei só a graduação, fiz a outra graduação e falei, agora vamos trabalhar. Porque assim, chega o momento, Janice que você quer comer algo diferente, você quer vestir algo diferente, você quer ter o seu dinheiro, né? Tanto na escola agrícola quanto na faculdade, eu não tive condição nenhuma! Eu sempre fui uma pessoa assim, que dependia de ganhar roupa dos outros, é... dependia muito das pessoas. Então, eu não tinha o objetivo de ter nada hoje. O objetivo era hoje, para idade que eu tenho, ter

uma vida tranquila, né? Para você ter uma ideia, eu tenho 40 anos e hoje que eu estou grávida do meu primeiro filho.

JZMP: Aí, que gostoso.

ABC: Então assim, eu sempre tive objetivos e o objetivo de ter filho chegou agora!

JZMP: Tudo no tempo certo né?

ABC: Tudo no tempo certo!

JZMP: Você teve tempo, amadureceu, conquistou seu espaço. Agora você fala assim: agora eu já cheguei no ápice da minha carreira profissional e agora eu vou partir para ser mãe! Muito bem!

ABC: Exatamente! Então foi isso! É... foi fase!

JZMP: É um processo, né? A Vida da Gente é um processo e a gente vai delimitando e vai agregando aquilo que é importante para aquele momento, né?

ABC: Bem isso mesmo!

JZMP: São fases!

ABC: São fases!

JZMP: Então, e para a gente partir aí para finalização da nossa..., do nosso bate-papo, é..., as relações sociais e políticas. Você acha que elas contribuem para desenvolver o seu sucesso no empreendedorismo hoje?

ABC: O que eu poderia te dizer?

JZMP: Assim, na área que você está, né? As políticas públicas, elas contribuem para estar incentivando, para estar estimulando a sua carreira como empreendedora hoje?

ABC: Olha, a gente está numa fase agora, tanto na área, vamos falar da agricultura, piscicultura, pecuária aqui onde eu moro, né? Vou falar assim. É avançada! Então acabou, que com isso, contribuiu e contribui para minha empresa hoje. Tá? É ... a mudança das políticas assim, de uma forma geral, ela está contribuindo muito. Agora, quando a gente fala em alavancar a piscicultura na minha região, vamos falar assim, de uma forma de mercado de trabalho, aqui ainda é um pouco fraco. Não sei se é nesse sentido que você quer estar me perguntando ou não! Mas, as outras áreas, contribui muito. Aumenta muito!

Inclusive esse ano, a gente teve uma entrada de umas questões do e-social, dessa contribuição, políticas enfim, das empresas, que acabou tendo que ter umas alterações e a gente acabou tendo que se adaptar e ter crescimento nessa área, e fez com que... houve maior conquistas e maior empreendedor dentro da minha empresa perante essas políticas que entraram esse ano, dentro da região. Não sei se era isso.

JZMP: É isso mesmo! (risos) É bacana, né? Porque assim, às vezes a gente conversa com outras pessoas que falam, olha, podia tem um incentivo maior com relação a isso com relação àquilo, né? Então é...

ABC: Assim, os incentivos eu vejo que varia de estado para estado. Vou te dar um exemplo aqui de Rondônia, né? Rondônia é um estado muito avançado na Piscicultura, mas porque a política do estado deles é diferente do meu. Então, faz com que hoje lá o “bum” do estado é a Piscicultura. Porque as multas, as regras para se abrir, montar, divisão de peixes é diferente do meu estado. Isso contribui para que o produtor entre com vontade nessa área, né? Já no meu estado, barra muito! E é um estado muito agricultável! Então assim, eu tenho mais áreas para plantar do que áreas para criar peixe, por exemplo. Então, acaba que a Piscicultura ainda que é um pouco mais fraca que alguns estados, por motivos do governo, realmente não investir tanto como investe em outras áreas.

JZMP: Isso mesmo, é..., eu estou pensando aqui com meus botões, né? Como é que foi pra você ter escolhido essa profissão e tal? E você falou que você é uma das..., uma entre homens dessa região, aí que que é Engenheira de Pesca, a única.

ABC: Olha, eu acho que vai ter um rapaz em Sorriso, que é no meio do estado, já perto mais para Cuiabá que para cá. Mas aqui da metade do estado para você entender, até onde é a divisa do Pará, que eu estou bem perto do Pará, só tem eu Engenheira de Pesca.

JZMP: E como é que é gerenciar tudo isso? Não é? Com certeza você coordena, organiza uma porção de homens aí. Estou falando assim como mulher...

ABC: Então, eu só trabalho com homens, não é? Eu só trabalho com homens! Então você imagina que tem dias que eu rodo 600, 700 km para atender as empresas, vai de uma fazenda para outra, faz um círculo, né? Mas assim é... eu... quando eu estudava aí, eu também só trabalhava com homens, né? Então as pessoas, minhas colegas, as pessoas que me conhecem falam assim: você anda sozinha, né? Você roda tudo sozinha, como é que você... não é perigoso, né? Essas coisas, as pessoas, sempre tem esse... não é preconceito, né? Mas Janice, nesses... toda essa época que eu trabalho, eu nunca tive... até porque a postura da mulher perante essa atividade ela tem que ser diferente, não é

fato de você ser mulher, você já parece ser mais frágil, certo? Então eu já chego com uma postura totalmente diferente pra pessoa. Então, imagina que eu dou curso de Motosserra, eu dou curso de Agrotóxico, a hora que “os caras” me vê lá, chegando na fazenda... o que que essa mulher entende de motosserra? Aí eles chegam lá, eles caem do cavalo, porque eles mal sabem que eu estudei numa escola agrícola... (risos). Então tem todo o preparo para isso, mas eu..., eu sempre mostro que eu sou uma pessoa séria, né. Não fico com sorriso na orelha também, né? Então você tem que ter uma postura como profissional para você passar o que você, no caso, foi ali para executar, né? Mas, muitas vezes eles acham que a gente não dá conta. Que eu não vou dar conta do que eu estou falando. Mas eu só trabalho com homens mesmo! Mas, eu nunca é... nunca tive nenhuma desavença, nunca tive nada, né? Inclusive trabalhei numa usina hidrelétrica que tinha mais de 5000 funcionários. Então dava os treinamentos, dava as palestras, então sempre assim, nunca deixei de passar qualquer coisa que não fosse o profissional que estava ali fazendo aquela atividade.

JZMP: Muito bem! Eu deixo a palavra livre para você agora. Para você fazer suas considerações finais e já agradecendo a sua disposição, por estar aqui comigo nessa manhã, contando um pouco da sua vivência, da sua história, que assim... que serve sempre de exemplo para os outros que estão chegando, né? Eu acho muito importante essa conversa, essa sua experiência, essa sua vivência para que as pessoas também se sintam motivadas a se proporem é... projetos que talvez, precise desse impulsionamento, né?

ABC: Olha, Janice, é... eu, nunca, eu nunca pensei que seria fácil. É lógico que eu venho de uma época diferente dos jovens de hoje, mas na minha época, com 14, 15 anos, aí na escola o meu objetivo era só estudar e aprender; eu lembro que eu ia na biblioteca, eu pegava revistas, livros... Lia muito, estudava muito! É... foram 15 anos! Se a gente for parar para pensar, eu vou falar para você: - que foram praticamente 15 anos para mim, começar a colher alguma coisa! Então, às vezes hoje o aluno que está aí na escola, ele fala assim, eu vou fazer o segundo grau, vou terminar e vou ir trabalhar no Mato Grosso, Goiás. Realmente, você tem que ser diferente para você se destacar! Se você não quer ser... fazer agronomia, ou veterinária; você vai fazer só o técnico em agropecuária, faça benfeito! Para você destacar dos outros que já estão no mercado há um certo tempo e a escola dá pra você receber essa informação. E é o que eu fazia na época que eu estudava aí que até então, eu não queria fazer universidade. Eu só ia fazer o técnico e voltar para o Mato Grosso. Mas o que que eu da minha cabeça eu tinha? Como é que eu vou passar ensinar alguém se eu não sei fazer? Eu, quando chegava no meio do ano ou final do ano, que eu ficava o ano inteiro, sem ir para minha casa, eu não vinha para casa, eu arrumava um

estágio. Então eu fiz estágio em Avaré, fiz estágio em Águas Claras ou alguma coisa assim... de galinha, 30 dias. Então eu fiz vários estágios porque na minha ideia eu tinha que saber fazer para mandar alguém fazer. Então eu tinha que ter experiência, tinha que ter bagagem, para mim chegar aqui numa fazenda e falar: - olha, esse aqui é meu currículo! E muitas vezes hoje eu vejo que o profissional ele quer só ficar naquilo que o professor fala, ir pro alojamento, ficar no celular, que naquela época não tinha e só. Não dá para ser assim! Hoje o mundo precisa de algo mais, então você precisa se destacar naquilo que você faz, porque é através do estudo. Nada cai de mão beijada! Então, foram 15 anos. Para mim, começar assim é... pra falar bem a verdade para ti, foi uns 20 anos depois que eu saí da escola agrícola que as coisas começaram a melhorar na minha vida, mas é com muito esforço, com muita dedicação, com muito estudo. Até hoje eu estudo, faço várias coisas, mas a gente precisa ter isso como base para a gente ser alguém! A escola é muito boa? Maravilhosa! É... na minha época, os profissionais me ajudaram muito! Eu aprendi muito na escola. É... eu queria voltar mais vezes (risos), mas, eu prometo voltar, porque faz parte da gente, né? Isso é de vez em quando eu pego assim as fotos, eu olho pra aquilo lá, né? E aí eu falo estou nossa, quanto tempo, né? Parece que foi ontem! Eu vivia suja na escola! Nossa, todo mundo falava: Aline, vai tomar banho! (risos) Porque na Piscicultura sujava demais. Mas olha, era enfim você que está aí na escola hoje, dê valor a isso aí, porque não é todo mundo que tem isso. Dê mais valor ainda, porque o que você tem hoje não é o que eu tive quando eu estudei aí. Tinha dias que não tinha muita coisa para comer, não vou mentir, não é? Se não tinha nada na horta, não tinha salada no almoço, né? Então, se a gente não tinha matado um porco ou alguma coisa, nós não tínhamos... então assim, não é não é como é hoje, né? Que eu sei que hoje, né? Mas, vale a pena sim, só que tem que ter ... a escola, não faz a parte sozinha, as duas partes têm que trabalhar juntos. O aluno tem que querer também. É isso.

JZMP: Está certo.

ABC: Só tenho saudades só! (risos)

JZMP: Ah, mas isso a escola sempre... ela está de portas abertas, não é? Para receber as pessoas, pra contar sua vivência, sua experiência. E eu falo: hoje, com a tecnologia, isso nos facilita um pouco o caminho, né? Nesse bate-papo que nós estamos tendo aqui, isso aqui vai chegar para muitas pessoas que nem te conhecem e vão poder ouvir a sua história também.

ABC: E eu penso assim que nós, alunos e assim: - eu não sei qual é a porcentagem de alunos que estudou, que fez faculdade, que tem empresa, agora não sei; eu não tenho

convivência com ninguém que estudou comigo naquela escola mais. Não tenho contato com ninguém. Então, mas eu penso que nós somos muito; é a escola tem como nós filhos, nossos pais. A escola seria um pai que tem orgulho, desses profissionais que se tornaram, né? Eu penso assim, eu era uma pessoa muito quieta, eu era uma pessoa disciplinada, responsável, mas também tinha alunos que era, dava dor de cabeça e tal, aquela coisa que hoje viraram profissionais maravilhosos. Empreendedores maravilhosos! Nossa, então é um orgulho para a escola. Eu imagino que seja... Em outras palavras, mas eu acho que da escola, nós somos assim, pupilos, vamos falar assim, né?

JZMP: Exatamente, é um orgulho mesmo! A gente, nossa, nosso propósito é esse. Trabalhar, passar esse conhecimento e ver que o aluno fluiu e que lá na frente ele está aplicando tudo aquilo que ele conseguiu durante o percurso dele na Etec.

ABC: Eu lembro que na faculdade eu nem ia para aula prática. Eu quando ia, eu ia para ajudar os professores, porque olha até ontem eu estava dentro do tanque. O que que você quer que eu faça dentro desse tanque? (risos) Foi muito bom.

JZMP: É essa vivência ... essa vivência sua na escola agrícola te proporcionou, talvez momentos na faculdade que os outros não tiveram.

ABC: Não, não tiveram. Doenças de peixe, quantas vezes a gente tinha que socorrer, né? Produtores, até mesmo nós na escola, nunca aqui na faculdade eu vi isso, entendeu? Então para mim foi muito bom porque eu peguei a prática e daí da faculdade eu só peguei a teoria, juntei, e vamos embora!

JZMP: Juntou tudo e deu tudo certo. (risos)

ABC: Deu tudo certo. (risos)

JZMP: Muito bem, é isso então! Aline, eu agradeço muito a sua participação!

ABC: Eu que agradeço. Nossa, eu fiquei bem feliz de você ter me convidado! Eu não estava, não estava esperando isso, foge da nossa realidade do dia a dia, né? Também não sabia que a escola já tinha, já tinha completado seus 52 anos.

JZMP: É... a escola, completou. No cinquentenário, nós estávamos na pandemia. Então não pudemos nem fazer comemoração nenhuma, mas em breve vai acontecer e a gente está trabalhando para isso, né?

ABC: Está certo?

JZMP: Então é isso, Aline. Então eu agradeço novamente a sua participação e que você possa nos visitar qualquer momento, trazer as suas experiências, os seus novos projetos. Aí agora como mãe, né? (risos) Agora é outra fase da vida! Mas que bacana, eu fico feliz de saber que você está num patamar onde você já está trabalhando, já conquistou toda a sua vida profissional e agora você vai se dedicar para maternidade. Muito bom! Que é uma outra fase da vida e que assim, é muito gratificante. Tá bom?

ABC: Obrigada, obrigada mesmo.

Descritores

História oral na educação
Empreendedorismo
Aline Buzzo da Costa
Janice Zilio Martins Pedroso
Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato
Técnico em Agropecuária
Técnico em Agrimensura
Engenharia de Pesca
Piscicultura
Segurança no trabalho
Escola agrícola
Ministério da Pesca

Dados Bibliográficos da Entrevistada



Aline Buzzo da Costa- Nascida em Maringá/ PR em 21 de junho de 1982. Fez o Ensino Fundamental no CNEC de Alta Floresta/ MT, o Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária e Técnico em Agrimensura na Etec Orlando Quagliato de Santa Cruz do Rio Pardo (1998 a 2000), Ensino Superior em Engenharia de Pesca e Segurança do trabalho, pela Unioste, localizada em Toledo/ PR (2002 a 2007). Atualmente possui uma empresa de prestação de serviços na área de Segurança do Trabalho e Engenharia de Pesca, atuando na região do Mato Grosso num raio de 500 Km. Prestou serviços através do GERPEL da Usina Itaipu Binacional e através de sua empresa na Usina Hidrelétrica Telles Pires.

Dados Bibliográficos da Entrevistadora



Janice Zilio Martins Pedroso - Nascida em Santa Cruz do Rio, em 04 de junho de 1974. Fez o Ensino Fundamental na EEPG “Sinharinha Camarinha” e o Ensino Médio na EESG “Leônidas do Amaral Vieira” (1990 a 1992). Graduação em Análise de Sistemas na Universidade do Sagrado Coração (1993 a 1996). Licenciatura em Processamento de Dados na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). Especialização Latu Sensu em Informática em Educação- Universidade Federal de Lavras (1999 a 2000). Licenciatura Plena em Matemática na Universidade Bandeirantes de São Paulo (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade de Pinhais (2008 a 2011). Especialização Latu Sensu em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior- Universidade Metropolitana de Santos (2017 a 2018) e Especialização Latu Sensu em Metodologia do Ensino de Matemática Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2019 a 2020). Desde 1997, é professora na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e na Etec Orlando Quagliato. Foi Instrutora de

Informática no Senai/Santa Cruz do Rio Pardo (2005 a 2007); Coordenadora de curso (2002 a 2003; 2007 a 2009) e Coordenadora pedagógica (2009 a 2017), ambos na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e Coordenadora de curso (2019 a 2021) na Etec Orlando Quagliato. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa- Preservação dos Bens Culturais: História, Memória, Identidade e Educação Patrimonial – Universidade Estadual do Norte Pioneiro, no ano de 2021 e membro no grupo História, Sociedade e Educação no Brasil - GT HISTEDBR Norte Pioneiro/PR desde 2022. Atualmente cursa Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Aline Buzzo da Costa.

Termo de Autorização para uso de Imagem de Aline Buzzo da Costa.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Aline Buzzo da Costa.